

21 melanomas diagnosticados na Madeira em 2018

No ano passado, no Serviço de Dermatologia do Hospital Central do Funchal (Serviço de Saúde da Região), foram diagnosticados 21 melanomas, o mais grave tipo de cancro de pele. O número é ligeiramente inferior ao total de diagnósticos registado em 2017 (23), mas segundo explica Anabela Faria, directora daquele serviço hospitalar, é um número que acompanha aquela que é a tendência nacional de 10 casos por cada 100 mil habitantes.

Na véspera de mais um Dia do Eumelanoma, celebrado como habitualmente com um rastreio gratuito na consulta externa do Serviço de Dermatologia (vide destaque), Anabela Faria recorda que as mensagens relativamente à prevenção e diagnóstico precoce do cancro de pele (melanoma, basalioma e carcinoma espinocelular) não devem ser descuradas, embora haja sinais positivos a salientar. Nos últimos anos, refere, nos doentes do grupo melanoma, o SESARAM não tem registado qualquer óbito e “são dezenas de doentes que são seguidos após o diagnóstico”.

Além disso, as taxas de sobrevida após 5 anos são actualmente muito elevadas nos cancros de pele (acima dos 90%) porque as lesões são diagnosticadas cada vez mais atempadamente. Anabela Faria exemplifica com o casos dos melanomas: muitos são diagnosticados ‘in situ’ e quando ainda têm uma espessura muito pequena (igual ou inferior a um milímetro). “Isso deve-se à maior atenção dos profissionais de saúde ou dos utentes em não desvalorizar uma lesão que se modifica”, sublinha. “Se o diagnóstico e o tratamento forem precoces, o prognóstico é excelente”.

De qualquer forma, os profissionais de saúde sentem que não podem baixar os braços, até porque “a informação existe. Falta mudar o comportamento”.

“Isto significa que, de facto, as pessoas estão sensibilizadas. Todos os anos falamos dos cuidados em relação ao cumprimento das horas e das regras de exposição solar (a prevenção primária), mas também é necessário que os doentes depois façam também o seu auto-exame e que nunca, em caso algum, ignorem uma lesão que se modificou, devendo obviamente estarem atentos a qualquer sinal de alarme”, diz a directora do Serviço de Dermatologia.

A verdade é que a pele é um órgão visível e isso deveria ser um convite ao auto-exame. “Olhamos todos os dias para a nossa pele e isso facilita muito para que o próprio doente seja alertado por uma lesão que se transformou, por um nevo novo que surgiu (os melanomas não surgem apenas sobre nevos existentes) ou um nevo que é diferente de todos os outros”, refere.

Mas se por um lado a médica dermatologista diz notar que as pessoas estão cada vez mais atentas à pele, em termos de comportamento nota que nem sempre cumprem as regras, como respeitar as horas recomendadas de exposição solar, usar vestuário protector, usar protector solar com factor de protecção elevada (igual ou superior a 50).

“As pessoas cumprem, mas só uma parte”, admite. “Por exemplo, o protector solar nunca deve ser usado para prolongar o tempo de exposição solar”. Deve ser usado para proteger de forma correcta as áreas

que não podem ser protegidas de outra forma. Deve ser aplicado de duas em duas horas, porque depois perde efectividade, deve ser renovado sempre que se molha ou transpira e deve ser aplicado meia hora antes da exposição solar para que o produto tenham tempo para actuar. “As pessoas podem cumprir as regras mas de forma parcial”, salienta Anabela Faria exemplificando com o uso de protector com ecrã total “que não protege totalmente da radiação”.

A médica recorda que muitos dos carcinomas que são diagnosticados hoje referem-se a lesões e exposições solares de há 10 ou 20 anos. E se por um lado, as pessoas com fototipos mais claros (pele e cabelo claro, olhos esverdeados ou azuis), pessoas que têm mais do que 50 sinais, ou que têm história de melanomas na família (carga genética é muito importante neste cancro), a verdade é que ninguém está livre de ter uma patologia destas (mesmo as pessoas com pele mais morena), sobretudo se tiver historial de exposição solar desregrada e utilização de solários. É necessário sensibilizar para os factores de risco, defende, salientando que não é contra uma pele bronzada, desde que seja um bronzeado saudável, adquirido lentamente, com todos os cuidados e cumprindo todas as recomendações.

■ À semelhança de anos anteriores, o Serviço de Dermatologia do SESARAM, em parceria com a Associação Portuguesa de Cancro Cutâneo, promove amanhã uma Campanha de Prevenção do Cancro de Pele / Euromelanoma, na consulta externa de Dermatologia do Hospital dos Marmeleiros. Os rastreios aos utentes com lesões pigmentadas ou doentes com suspeita de ter cancro da pele decorrem em dois turnos, das 9 às 12 horas e das 13 às 16 ho-

ras, nos quais serão observados cerca de 100 utentes. As marcações serão efectuadas directamente pelos interessados no, no próprio dia e local do rastreio, sem necessidade de credencial prévia. A cada utente será atribuído um número, por ordem de chegada. Os primeiros 60 utentes serão observados durante a manhã e os restantes 40 à tarde. Esta campanha, dinamizada em 46 serviços de dermatologia do país, está integrada no âmbito do

Dia do Euromelanoma/Dia dos Cancros da Pele, no sentido detectar lesões, promover e partilhar informação acerca da prevenção, diagnóstico precoce e tratamento do cancro da pele. No âmbito da campanha realizada em 2018 no Serviço de Dermatologia do Hospital dos Marmeleiros, na qual foram rastreados 122 utentes, foram diagnosticados três melanomas, treze basilomas, quatro carcinomas espinocelulares e vários nervos atípicos.



In "Diário de Notícias"